ISSN: 2358-8829

Docência no ensino superior e a pedagogia engajada em bell hooks: um relato de experiência.

Ana Lorena Bandeira Lima [1]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência de uma professora de Filosofia no início da sua trajetória lecionando na educação superior, após oito anos atuando no ensino de Filosofia na educação básica. Dito isto, o trabalho em questão abordará as estratégias pedagógicas utilizadas pela docente na sua primeira experiência à frente da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico e Avaliativo, para a turma do 3º semestre do curso de Licenciatura em Filosofia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na cidade de Sobral, Ceará.

O relato tem como referência biográfica a obra da escritora bell hooks, *Ensinando a transgredir: a educação como prática para a liberdade*, especificamente o capítulo 01 "Pedagogia Engajada". A metodologia empregada é de base biográfica, ou seja, as aulas durante o semestre proferidas pela professora tiveram como embasamento teórico a ideia de pedagogia engajada, denotando um ensino mais acolhedor dentro do ambiente acadêmico.

O formato das aulas ocorria de forma dialogada, criando pequenos grupos de estudos colaborativos, que chamamos de "comunidade de aprendizagem", fazendo referência ao conceito defendido pela autora na obra e no cap 01 "Pedagogia Engajada", deixando a sala de aula ser vista como um espaço de entusiasmo, vulnerabilidades e descentralização do conhecimento.

Tais práticas tiveram como resultado um ambiente acadêmico que proporcionasse um saber significativo e transgressor em oposição ao ensino bancário, criando, assim, a possibilidade de uma "comunidade de aprendizagem", como idealizada pela escritora bell hooks.

[1] Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA / Mestra em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal do Ceará -UFC. Atualmente, exerce a função de professora universitária no curso de Filosofia na Universidade Estadual Vale do Acaraú -UVA/Sobral – Ceará.

Salientamos ainda que, para que esse relato elevasse do campo pedagógico para um âmbito mais filosófico acerca do ensino de filosofia, e após a apresentação da comunicação oral no XII Congresso Nacional de Educação, esse trabalho adicionou mais um referencial teórico para conversar e pensar em uma educação dialogada e filosófica, agregando, para além da pedagogia engajada da autora bell hooks e seu diálogo permanente com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, o conceito de intencionalidade da pergunta no ensino de filosofia sobre a mediação da obra *O ensino de Filosofia como Problema Filosófico* (2019), do escritor, professor e filósofo Alejandro Cerletti.

METODOLOGIA

Diante do exposto, descreveremos aqui, na metodologia, o passo a passo de como ocorreram as aulas na graduação do curso de Filosofia na Universidade Estadual Vale do Acaraú, localizada na cidade de Sobral/ Ceará, na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Avaliativo e como tal prática associa as ideias e teorias levantadas nesse exposto, a saber, a proposta de trabalhar com a pedagogia engajada de bell hooks em diálogo com a pedagogia libertária de Paulo Freire e, por fim, traçar um paralelo com a intencionalidade da pergunta filosófica em Cerlleti.

A referida disciplina tinha como objetivo, em sua ementa: um estudo teórico-prático sobre a organização do trabalho pedagógico, sua relação com a organização do processo de trabalho em geral, sua natureza, categorias e especificidades. Organização e contextualização do trabalho pedagógico nos processos de ensino e aprendizagem. A articulação entre a avaliação e a organização do trabalho pedagógico, retirada tais informações do próprio Projeto Político Pedagógico do curso (PPC) de Filosofia da UVA (2023).

As unidades temáticas ficaram subdividas desse modo: estudo teórico-prático sobre a organização do trabalho pedagógico, sua relação com a organização do processo de trabalho em geral, sua natureza, categorias e especificidades. Organização e contextualização do trabalho pedagógico nos processos de ensino e aprendizagem. A articulação entre a avaliação e a organização do trabalho pedagógico.

Tendo como objetivo: apresentar a organização e contextualização do trabalho pedagógico nos processos de ensino e de aprendizagem através da análise crítica e reflexiva das abordagens sociais e históricas das tendências e teorias educacionais.

Desenvolver pesquisa da ação educacional articulada ao planejamento e à avaliação institucional e educativa, a partir de metodologias constitutivas de redes de conhecimento. Reflexão, organização e gestão de possibilidades interdisciplinares no âmbito de ações docentes contextualizadas. Expor o trabalho de gestão escolar e a construção do projeto-político pedagógico escolar.

Para que essas aulas ocorressem conforme o planejado tivemos como estratégia metodológica a realização de aula colaborativa com leitura em grupo, assim como, ao invés de optar por seminários, a ideia proposta era a exposição dialogada semanal, envolvendo a bibliografia principal, a saber: *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2019) especificamente, o cap 01/ "Pedagogia Engajada", e, após a leitura, realizávamos no final da aula uma roda de conversa que durava aproximadamente entre 40 a 50 minutos, que chamamos de "comunidade de aprendizagem", onde cada estudante de cada grupo, sem uma ordem pré-estabelecida, organizava suas ideias e denotava para a turma o que haviam entendido sobre o texto lido, dúvidas, colaborações, vivência. Muitas das falas eram carregadas não apenas de conceitos lidos, mas também de operacionalização dos conceitos na vida real de cada um, exposição de situações-problemas de sala de aula, quando eram alunos da educação básica e agora na universidade e de vivências também pedagógicas diretas com sala de aula como estagiários ou pibidianos que participam do Programa Institucional de Base de Iniciação à Docência – PIBID.

A avaliação ficava compreendida como parte fundamental do processo de aprendizagem, tendo como principal objetivo o acompanhamento do desenvolvimento do estudante em relação aos estudos realizados e o crescimento e desenvoltura durante as "comunidades de aprendizagem", as rodas de conversas que eram aplicadas semanalmente, onde todos colaboravam.

Podemos perceber que, durante as aulas o aprofundamento das leituras colaborativas em grupos ia se aprimorando; a ideia de ler em grupo, logo no inicio da aula, oportunizavam para os alunos a interação, e as dúvidas acerca de algum conceito era debatidas entre eles e levantadas nas suas considerações ao grupo geral, tendo na figura da professora como uma mediadora desse momento, oportunizando a descentralização da sala de aula e do conhecimento nesse espaço universitário. Algumas vezes a professora fazia intervenções mais pontuais e esclarecedoras, utilizando a sua vivência enquanto egressa do curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do

Acaraú (UVA), ou na sua vivência como acadêmica do Mestrado Profissional em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC), e também na sua experiência de oito anos lecionando na educação básica, nas escolas públicas estaduais de nível médio, nas modalidades: ensino em tempo integral e regular.

No entanto, apesar de as aulas serem muito ricas e colaborativas, houve, no início, um estranhamento com a prática, pois era habitual, na educação superior, os professores chegarem com todo o conhecimento pronto e acabado, não deixando espaço para que os graduandos expusessem suas colaborações, detendo, assim, o professor detém de todo o saber e os alunos apenas sendo depósitos de conhecimento como nos afirma o pensador Paulo Freire em diversas obras.

Nesse sentido, a ideia defendida por bell hooks, de transgredir a norma vigente de uma pedagogia tradicional, que a própria autora resistiu e criticou na sua prática enquanto professora universitária, foi colocada em discussão, pois a nossa metodologia de aula não era apenas uma escolha didática, mas uma prática política de resistir aos modelos tradicionais e adoecedores de ensino que alguns professores insistem em reproduzir. Tal pratica não respeita o aluno da graduação como uma pessoa detentora de conhecimento, mas como um aprendiz bancário, tal como pensou Paulo freire em suas obras, especificamente, na Obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), no Cap 02/ “A Concepção Bancaria de Educação Como Instrumento de Opressão”.

A metodologia aplicada pela professora para trabalhar no início da disciplina com a obra da bell hooks associou a teoria à prática, ao mesmo tempo que eles liam sobre pedagogia engajada, ensinar para a liberdade respeitando todos em sala, eles vivenciavam tal prática sendo feita ali no âmbito universitário semana após semana durante as apresentações das “comunidades de aprendizagem”; cada aluno colaborava e todos se sentiam parte do processo e, o melhor, respeitados nas suas individualidades, vulneráveis para emitir suas ideias. A prática em sala de aula atuou como exemplo do que foi lido na obra, principalmente quando hooks salienta:

> a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual, espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial

> para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais aprofundado e mais íntimo (hooks, p. 25, 2019)

Durante todas as aulas em que a obra foi trabalhada, a professora salientava e sensibilizava a turma para que a atividade da nossa "comunidade de aprendizagem" não se tornasse apenas um fazer acadêmico, uma atividade por obrigação, mas que cada página da obra nos tocasse e fizessem-nos sentir o que a autora relatava e o que a professora, ao ler, também sentiu.

Vale salientar que a professora regente da disciplina sempre denotava suas experiências como na obra, sua prática docente antes de ler essa obra e após a leitura, e como o fazer transgressor denotado pela autora se faz pertinente no labor pedagógico de todos que anseiam ensinar alguém um dia ou para aqueles que já ensinam a repensar sua prática.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desse relato de experiência, como já supracitado, refere-se à obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*, mas não se limita apenas a essa obra, pois bell hooks dialoga diretamente com Paulo Freire, em específico a *Pedagogia do Oprimido*, no seu capítulo dois. Após a apresentação no XII Congresso Nacional de Educação e levando em consideração alguns apontamentos levantados, esse trabalho aceitou a sugestão de alguns colegas que apreciaram o trabalho para acrescentar outra obra pertinente e que dialogue diretamente com as práticas expostas ao longo desse relato de experiência, a saber: *O ensino de Filosofia como Problema Filosófico*, escrita por Alejandro Cerletti. Nesta obra em específico, Cerletti nos convida a refletir sobre os seguintes pontos temáticos: o que é ensinar filosofia? O perguntar filosófico e a atitude filosófica, Repetição e Criação no ensino de Filosofia, assim como capítulos que também se debruçam em refletir sobre a formação docente de professores de Filosofia e direcionamentos para uma didática em Filosofia.

Por conseguinte, esse relato de experiência abordará como carater complementar a obra de Cerletti para refletir sobre a intencionalidade da pergunta filosófica, no ambiente acadêmico, do curso de Filosofia, durante as aulas que têm como objetivo formar professores para ensinar Filosofia, especificamente, na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Avaliativo. O perguntar filosófico que leva à

atitude filosófica, segundo Cerletti, nos ajudará a contribuir na metodologia da nossa aula, que propõe criar no ambiente acadêmico um espaço de acolhimento, engajamento e também que a pergunta do discente tenha espaço e seja validada, mesmo que *a priori* ela pareça “inútil”; vejamos, a seguir, o que nos diz o filósofo:

> perguntas do mundo de hoje requerem respostas rápidas, práticas, úteis. Se se pergunta submerso nesse mundo, a pergunta terá aquela intencionalidade. Uma pergunta filosófica premida pela necessidade prática de ser utilitária dará respostas triviais, ingênuas ou, justamente, "inúteis". A tarefa do professor-filósofo não será abandonar-se a esse constructo de necessidades - que, em definitiva, é o espetáculo do cálculo econômico e a competência individual, com seus tempos peremptórios - mas, justamente, desnaturalizá-lo e exibir por que constitui o marco que dá sentido às demandas de "utilidade" e a que se refere com elas. ‘O filosófico’ radica na possibilidade de revisar os supostos que apresentam como óbvio certo estado de coisas e as perguntas que são próprias desse estado de coisas naturalizado (Cerletti, 2009, p. 47).

Bell hooks, na obra *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática*, defende que o ato de fazer perguntas não é simplesmente um fazer acadêmico, mas tem grande significância para embasar uma pedagogia crítica e engajada. Embora essa obra não tenha sido lida pela turma, mas apenas recomendada como sugestão de leitura secundária, podemos traçar aqui um paralelo com a obra de Cerletti, fomentando que a intencionalidade da pergunta em sala de aula não precisa ser utilitária, mas sim transgressora, subversiva, questionadora; assim, na visão de hooks e Cerletti, apesar de viverem contextos e objetivos de pesquisa diferentes, é possível perceber um traçado pedagógico entre ambos, ao enaltecer cada um dentro de seu contexto e interesses, seja pedagógico ou mais filosófico, paralelos que fomentam a ideia de que a sala de aula é um lugar da dúvida, da formação constante e que o ato de perguntar, problematizar, conceituar e vivenciar as teorias na prática ajuda os futuros professores a entender a sala de aula como um espaço complexo, criativo e filosófico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contudo, podemos perceber que as aulas da graduação, utilizando esse método engajado, crítico, reflexivo, indagador, libertador, proporcionaram para os discentes do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA um ambiente onde todos foram respeitados e se sentiram parte do processo formativo; houve momentos em que alguns relataram que se sentiram pela primeira vez como criadores também do conhecimento, puderam perceber que o caminho do conhecimento se faz em coletividade, em comunidade e não isolados, denotaram que as leituras em grupo e as exposições das ideias nos ciclos que chamamos de "comunidade de aprendizagem" tiraram de muitos a vergonha ou a inibição de ir para a frente da sala, de simplesmente ler apenas a sua parte na apresentação, por exemplo, ou se achar ruim por falhar. Essas aulas com essa metodologia específica oportunizaram para os alunos um ambiente onde eles podiam falhar e estava tudo bem, não havia julgamentos e sim apontamentos, mediações, validações de falas e vivência, tornando assim o ensino no nível superior e a formação de futuros professores de Filosofia mais humana e sensível aos outros à nossa volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que essa experiência de aula, que a professora recém-chegada à universidade e ao ensino superior conseguiu desenvolver segue os objetivos de uma educação para a transgressão, transgredir às normas de prevalência do ensino tradicional, oportunizando para os futuros docentes de Filosofia uma forma de aprender e ensinar diferente do modelo tradicional de ensino, trazendo em sua metodologia, à luz de bell hooks, prioritariamente uma crítica à forma de aprender bancária, elucidando o pensamento de Freire e criticando fortemente a dominação de autoridade e poder do conhecimento em sala de aula; e, por fim, para as próximas aulas da professora, a colaboração com Cerletti para dialogar junto com hooks e Freire ajudará na prática docente futura da professora à frente da disciplina em questão ou em outras disciplinas que venha ministra-las.

Palavras-chave: Relato de Experiência, Educação Libertadora, Educação Engajada. Comunidade de Aprendizagem, Intencionalidade da Pergunta.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, ao Centro de Filosofia, Letras e Educação – CENFLE, e à coordenação do Curso de Filosofia da UVA pelo aporte financeiro para participar do XII Congresso Nacional de Educação. Ao grupo de pesquisa GEFETED – Grupo de Pesquisa em Filosofia da Educação e Estudos Decoloniais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, ao Grupo de Pesquisa em Educação e Ensino de Filosofia da Universidade Estadual do Acaraú e também aos colegas congressistas Professor Dr. Ermínio de Sousa Nascimento pelos apontamentos feitos durante a comunicação que enriqueceram este relato de experiência, preenchendo as lacunas que faltavam, a professora doutoranda Priscila Pontes Bezerra Mendes pelo incentivo em produzir e apresentar esse relato de experiência e ao mestrando do PPGFIL-UVA e congressista Genilson da Conceição Oliveira pela amizade, apontamentos e parceria durante todo o evento do CONEDU, que ocorreu em Campina Grande – PB nos dias 08 a 11 de outubro de 2026.

Para finalizar, aos alunos da disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Avaliativo da Universidade Estadual Vale do Acaraú pela condução da disciplina e por aceitarem o desafio de vivenciar outra metodologia pedagógica de ensino na educação superior.

REFERÊNCIAS

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico.** Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.